



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

14 e 15 de maio de 2016

**Notícias do Dia
Plural**

“Um site para Lauro Junkes”

Um site para Lauro Junkes / Internet / Terezinha Junkes / UFSC / Literatura / A Literatura Infantojuvenil Catarinense na Perspectiva de Lauro Junkes / O Conto na Perspectiva de Lauro Junkes / Flávio José Cardoso / Celestino Sachet / Péricles Prade / Francisco Socorro / ACL / Academia Catarinense de Letras

Um site para *Lauro Junkes*

Na internet. Obras do escritor e professor, que morreu em 2010, estarão disponíveis

As obras literárias do professor Lauro Junkes, que morreu em 20 de outubro de 2010, poderão ser acessadas pela internet a partir deste sábado. Um site dedicado aos trabalhos dele, organizado pela viúva, Terezinha Junkes, professora da UFSC, vai ao ar. Após a morte do marido, Terezinha levou um ano para finalmente mexer no computador dele, mas ao começar a abrir os arquivos encontrou inúmeros textos inéditos. “Nós conversávamos muito sobre literatura, e quando eu vi todo aquele material para ser organizado e editado, imaginei que ninguém saberia trabalhar com aquilo como eu”, explicou Terezinha, com quem Junkes foi casado por 38 anos e teve três filhos.

Dessa organização nasceu o livro “A Literatura Infantojuvenil Catarinense na Perspectiva de Lauro Junkes”, em 2012. “Pri-

meiro lancei o livro, depois pensei em fazer um site para que todo os outros trabalhos também ficassem à disposição das pessoas”, diz. No site, mais um livro inédito do escritor estará disponível para download gratuito: “O Conto na Perspectiva de Lauro Junkes”, além de crônicas e reflexões dele que nunca haviam vindo a público. Para a organização, Terezinha contou com a ajuda de amigos de Junkes, como Flávio José Cardoso, Celestino Sachet, Péricles Prade e Francisco Socorro.

O advogado, historiador e crítico literário Lauro Junkes foi presidente da ACL (Academia Catarinense de Letras) por três mandatos e morreu quando ainda estava em exercício. Formado em letras, filosofia e direito, Junkes foi um batalhador da cultura e literatura de Santa Catarina. Saiba mais em www.laurojunkes.com.br.



ROSANE LIMA/ARQUIVOND

Notícias do Dia - Plural

“O palco é dos bonecos”

O palco é dos bonecos / Fita 2016 / Festival Internacional de Teatro de Animação / Heloisa Marina / Poses para (não) esquecer / Florianópolis / UFSC/ UDESC / Universidade Federal de Santa Catarina / Sassá Moretti / Universidade do Estado de Santa Catarina / São José / Biguaçu / Balneário Camboriú / Joinville / Teatro do CIC / Sérgio Mercúrio / Cleber Laguna / Cia Mevitevendo / São Paulo / Tecnópolis: sem livro pra contar história / Aline Maya / Marina Monteiro / Raquel Stüpp / Rio Grande do Sul / Minas Gerais / Fantoques / Éber Schmidt / Paulo Soares / Taís Trindade / Guilherme Freitas / Roberto Gorgati / Teatrando por ai / Marcos Oliveira / Teatro da Igrejinha / Elisza Peressoni Ribeiro / André Felipe / Blumenau / Brasil

EDITORA: Darlene Pasternak :: @plural@noticiasodia.com.br :: @Dari ND :: FOTO: Flávio Tin/ND



Notícias do Dia
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15/5/2016

10ª edição.
O Fita (Festival Internacional de Teatro de Animação) começa neste sábado trazendo uma seleção de qualidade do gênero teatral

Páginas 4 e 5.
A atriz Heloisa Marina em "Poses Para (Não) Esquecer", um dos 13 trabalhos selecionados, que se desdobram em 36 apresentações em cinco cidades de SC

O palco é dos bonecos

Plural



FABIO GONZALEZ/INFORMACAO

Velhice. "Viejos de Mi...", do ator argentino Sergio Mercurio, fala sobre a perda da memória na velhice e a amizade



Supermarionetes. "Prólogo Primeiro", da Caixa do Elefante Teatro de Bonecos (RS), tem grandes bonecos e reflete o ator em cena

Resistência animadora

KARIN BARROS
karin.barros@noticiasododia.com.br

Uma arte muitas vezes menos reconhecida pela maioria, o teatro de animação vem ganhando força em Florianópolis há pelo menos dez anos. É por causa do Fita (Festival Internacional de Teatro de Animação), idealizado e coordenado pela professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Sassá Moretti, que a Capital ganhou visibilidade quan-

do o assunto é teatro de bonecos, e destaque no país pelo interesse dos grupos teatrais em trabalharem com esse foco. "Com o tempo, meus alunos da época da Universidade do Estado de Santa Catarina foram se encantando pela animação, e hoje dos cinco grupos catarinenses, quatro que estão na programação são compostos por ex-alunos", comemora a idealizadora.

O evento, que começa neste sábado e vai até 20 de maio, tem programação intensa em Florianópolis, São José, Biguaçu, Balneário Camboriú e Joinville. Serão 36 apresentações de 11 espetáculos ao todo, e para comemorar uma década de trabalho árduo, o primeiro espetáculo que foi apresentado na primeira edição do festival está de volta: "El Avaro de Molière", da companhia espanhola Tábola Rasa. A premiada peça fará a abertura do evento, neste sábado, às 20h, e também no domingo, às 16h, no Teatro do CIC, em Florianópolis. Em 2007, ele foi apresentado em espanhol. Agora, e pela primeira vez, o espetáculo será apresentado em português.

Durante o festival, além de assistir aos espetáculos, o público poderá participar de três oficinas, mesa de conversa e visitar a exposição "Bonecos em cartaz". Das apresentações, cinco serão de grupos catarinenses, três, de outros Estados, e três, internacionais. De acordo com Sassá, se comparado a outros anos de festival, o número de companhias do Estado cresceu. Um dos motivos é o fortalecimento do gênero em Santa Catarina devido ao trabalho das universidades UFSC e Udesc, que tem em seus currículos disciplinas de teatro de animação, além do incentivo público do Fita.

No ano do 10º aniversário do festival, a seleção de espetáculos foi guiada pelo desejo de contemplar o público que já acompanha tea-

Festival. Há dez anos, o Fita Floripa criou o ambiente para o teatro de bonecos prosperar na cidade

tro de animação e atrair novos espectadores. Este ano, porém, quase toda a grade é voltada para as crianças, maior público das edições anteriores. "Já me falaram um termo que achei muito legal: geração Fita. Vejo crianças que tinham dois anos no primeiro Fita perguntando, agora com 12, sobre as novas apresentações. Isso é muito emocionante", destaca a organizadora. Além disso, o evento é importante para a formação de plateia, de pessoas que passaram a conhecer melhor a arte e hoje frequentam outros eventos do meio, se tornando cada vez mais criteriosos.

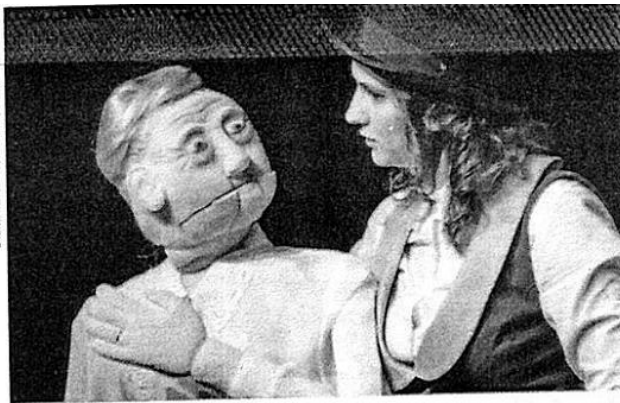
Para a classe artística, a importância do festival é indiscutível. "Um festival deve além de tudo chegar a seu povo. Como disse a canção de Milton Nascimento: "todo artista deve estar onde o povo está. Se for assim, assim será", acredita Sergio Mercurio, ator, diretor e produtor argentino, que trabalha há mais de 20 anos com a técnica e fechará o Fita, no CIC. Cleber Laguna, da Cia Mevitevendo, de São Paulo, nota o crescimento do evento. "O Fita tomou força e se tornou um dos festivais mais importantes do Brasil. Já faz parte da rota. É um momento importante para o artista tanto pelo público quanto pela variedade apresentada", diz.



Descoberta. Em "Clowni Jabru Teatro de Itites", da Colômbia, menino orfão procura as pistas de seu passado em uma mala que pertenceu ao pai



irmãos Grimm. "Uma história de João e Maria"



"Poses Para (Não) Esquecer". Atriz confronta as lembranças das histórias de guerra contadas pela avó imigrante polonesa



Torneiras e canos. "El Avaro de Molière", da companhia espanhola Tábola Rassa, abre o Fita neste sábado, às 20h, e domingo, às 16h, no teatro do CIC

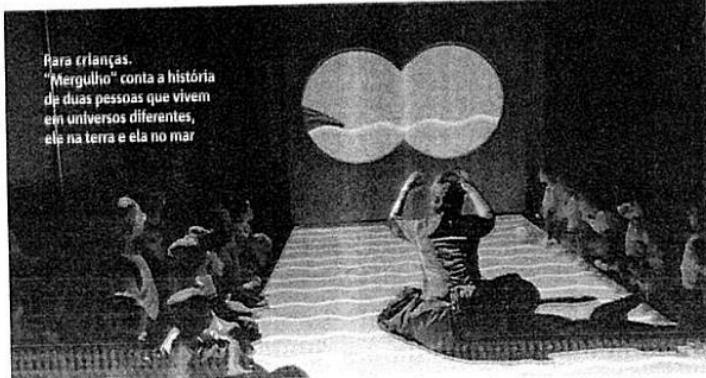
Dedicação à arte

Entre os catarinenses que estarão presentes no Fita 2016 está o grupo de Florianópolis Teatrando por Ai. Pela primeira vez no evento, eles apresentarão a peça "Tecnópolis: Sem Livro Pra Contar História", de 2014, com direção de Aline Maya e roteiro de Marina Monteiro. Raquel Stüpp, 32, atriz e produtora da peça, explica que o projeto da Cia sempre foi voltado para as escolas, e que o momento marca uma nova etapa do grupo, que existe desde 2008. "Já fizemos mais de cem apresentações, em lugares como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e interior do Estado, agora queremos expandir", diz.

A peça, que será apresentada nos dias 16, 19 e 20, tem o uso de fantoches, manipulação de bonecos à vista, além da atuação dos atores Marina Monteiro, Eber Schmidt, Paulo Soares, Tais Trindade e Guilherme Freitas. Para acontecer, "Tecnópolis" contou ainda com uma direção especial para os bonecos, assunto que ficou por conta de Roberto Gorgati. Ele fez workshops com os participantes para ensino de manipulação, técnica de atuação com um boneco. "As crianças bem pequenas não entendem muito a história em si, mas os bonecos prendem a atenção delas, e elas ficam fascinadas, olham com admiração. Elas não enxergam o ator, só os

bonecos", reflete Raquel, afirmando que preciso dedicação para o uso de bonecos.

Após observarem a reação dos pequenos espectadores nas diversas apresentações, o grupo percebeu que a diferença na faixa etária é que os maiores têm mais interesse em entender como funciona o teatro de bonecos. Por isso, o Teatrando por Ai passou a fazer no final da peça um trabalho para que eles conheçam melhor o trabalho artístico, possam tocar nos bonecos feitos de material reciclado pelo bonequeiro Marcos Oliveira e conheçam com calma os bastidores.



Para crianças. "Mergulho" conta a história de duas pessoas que vivem em universos diferentes, ele na terra e ela no mar

Menos valorizados

Mesmo sendo uma técnica milenar e que começou sendo para adultos com temas direcionados, a arte do teatro de animação é rodeada de um preconceito escondido por trás de expressões, como "teatrinho de bonecos", "teatrinho para criança". Cleber Laguna, da Cia Mevitevendo, de São Paulo, diz que já viu a técnica ser considerada até como uma iniciação de teatro. Apesar de parecer infantilizado, o teatro de animação nem sempre é voltado para crianças, e muito menos necessita de menos técnica, investimento e dedicação que uma superprodução em que apenas atores atuam.

Prova disso é a peça "Poses para (não) esquecer", da atriz Heloisa Marina, 31, de Florianópolis, que será apresentada neste domingo e na segunda-feira, no Teatro da Igreja da UFSC, voltada para adultos. Também pela primeira vez no Fita, a atriz traz uma peça com a técnica Bocón, em que boneco tem praticamente o tamanho de uma pessoa, e a manipulação é realizada à vista. Formada há sete anos pela Udesc, mas atuando em espetáculos há dez, a apresentação conta ainda com direção de Elisza Peresson Ribeiro e dramaturgia de André Felipe.

A história é baseada no confronto de lembranças das histórias de guerra contadas pela avó imigrante polonesa, moradora de Blumenau, com suas diversas versões, fundindo os fatos e fábulas de sua família com questões íntimas e coletivas. A peça propõe pensar a relação com as histórias dos antepassados e o que isso reverbera ainda na vida de cada um.

Para Raquel Stüpp, do Teatrando por Ai, o teatro de bonecos sofre há muito tempo com preconceito e é "um paradigma que demorou para ser quebrado". "É teatro para infância, mas é teatro. Tem figurino, direção, o boneco tem que ser bem feito. Esse preconceito acontece no país inteiro, parece que o incentivo é menor para teatro para infância", pontua.

Mesmo assim, para o argentino Sergio Mercurio, o Brasil cresceu nesses últimos dez anos no âmbito do teatro de animação. "O país chegou a ocupar um lugar muito importante na cena de animação e mesmo cultural. Criou espaços novos, políticas culturais inovadoras, colocou o foco na cultura. Isso teve uma repercussão para aqueles que têm a possibilidade de conhecer o país", afirma.

SERVIÇO

Festival de Teatro de Animação

- **O quê:** 10^a FITA
- **Quando:** 14 a 20/5, diversos horários
- **Quanto:** gratuito (espetáculos no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, Teatro da UFSC, Sesc Prainha e os que compõem a Itinerância – Ingressos deverão ser retirados uma hora antes do espetáculo); gratuito também para organizações sem fins lucrativos, ONGs e instituições de ensino, mediante reserva de vagas por meio de agendamento prévio (todos os espetáculos); R\$20/R\$10 (meia) no Teatro Ademir Rosa (CIC) e Teatro Álvaro de Carvalho (TAC)
- **Onde:** Florianópolis, São José, Biguaçu, Balneário Camboriú e Joinville

Informações e programação completa em www.fitafloripa.com.br

PROGRAMAÇÃO DO FINAL DE SEMANA

- 14/5**
- "Histórias de Mauro", da Tisser Produções (Florianópolis/SC), 9h30, Praça Nereu Ramos, Biguaçu, gratuito
 - "Os Cabeções", do Grupo de Teatro Expresso (Florianópolis/SC), 19h30, CIC, avenida Irineu Bornhausen, Agronômica, Fpolis, R\$ 20/R\$ 10 (meia)
 - "El Avaro, de Molière", da Tábola Rassa (Espanha), 20h, CIC, avenida Irineu Bornhausen, Agronômica, Fpolis, R\$ 20/R\$ 10 (meia)
- 15/5**
- "El Avaro, de Molière", da Tábola Rassa (Espanha), 16h, CIC, avenida Irineu Bornhausen, Agronômica, Fpolis, R\$ 20/R\$ 10 (meia)
 - "Poses para não esquecer", de Heloisa Marina (Florianópolis/SC), 20h, teatro da Igreja da UFSC, gratuito

CONFIRA TAMBÉM

- 16/5**
- "Tecnópolis – Sem livro pra contar história", do Grupo Teatrando por ai (Florianópolis/SC), 10h/15h, Teatro Sesc da Prainha, avenida Syriaco Atherino, Prainha, Fpolis, gratuito
- 17/5**
- "Prólogo Primeiro", Caixa do Elefante Teatro de Bonecos (Porto Alegre/RS), 15h/19h30, TAC, rua Marechal Guilherme, Centro, RS 20/R\$ 10
- 18/5**
- "O buraco do muro", Maracujá Laboratório de Artes (São Paulo/SP), 15h, CIC, avenida Irineu Bornhausen, Agronômica, Fpolis, R\$ 20/R\$ 10 (meia)
- 19/5**
- "Clownti", Jabru Titeres (Bogotá/Colômbia), 10h/15h, Teatro Sesc da Prainha, avenida Syriaco Atherino, Prainha, Fpolis, gratuito
- 20/5**
- "Viejos de mi...", Sergio Mercurio (Argentina), 20h, CIC, avenida Irineu Bornhausen, Agronômica, Fpolis, R\$ 20/R\$ 10 (meia)

Notícias do Dia Comportamento

“Nova definição de família”

Nova definição de família / Dicionário Houaiss / Estatuto da Família / Mauro Villar / Instituto Antônio Houaiss / André Lima / NBS / Bruna Petry / Renato Santos Neiva / Gilvan Müller de Oliveira / Departamento de Língua e Literatura Vernáculas / UFSC / Sociedade / Maria Eliziane Pereira / Cláudio João Vieira / Pedro Vieira / Dia da Família / Juliano Corrêa da Silva / Rodrigo Gonçalves da Rosa / Nicinha Nau / Andressa Bittencourt / José Nau

Comportamento

EDITOR: Rodrigo Lima @rodrigolima@noticiasdodia.com.br @rodrigolima_ND



Experiência nova. Conrado (à esq.), Bruna, Katarina, Renato e Gabriel formam uma verdadeira família

Nova definição de família

Dicionário. Houaiss altera verbete e inclui “laços afetivos” e “relação solidária”

ELIANE STEPANSKI
eliane.stepanski@noticiasdodia.com.br
@ND_online

Sejam avós que criam os netos como se fossem filhos, casais homossexuais que vivem a experiência de ser pais e mães ou homens e mulheres solteiros que criam os filhos sozinhos, de forma independente. As combinações podem ser as mais diversas, mas todas elas, apesar de diferentes da tradicional, constituem uma família, com o mesmo amor e valores das famílias à moda antiga. Com tantos novos casos de formações familiares diferentes, o “Dicionário Houaiss” mudou o significado da palavra família e passa a incorporar um significado mais inclusivo, contemporâneo e sem preconceitos.

Assim, depois de uma grande campanha na internet, o verbete deixa de ser “Grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (especificamente o pai, a mãe e os filhos)”. Agora, família é: “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e

mantêm entre si uma relação solidária”.

Contrariando a Câmara dos Deputados, que aprovou em comissão especial o Estatuto da Família, no qual estabelece família como núcleo formado por homem, mulher e seus descendentes e exclui relações homoafetivas – ainda será votado em plenário –, o dicionário vem mostrar que as relações mudaram e é preciso entender o real significado de família. “Conceitos antigos ganham uma nova estrutura, um novo enfoque e isso precisa ser captado com cuidado para que seja transformado em palavras numa definição”, explica Mauro Villar, diretor do Instituto Antônio Houaiss e coautor do “Houaiss”.

Para André Lima, vice-presidente de criação da NBS, agência responsável pela campanha na internet, a atual definição de família é “reducionista e anacrônica”. “O mundo é diverso, abrangente e dinâmico. O que desejamos é atualizar esta definição e contribuir para a reflexão sobre quais são os verdadeiros laços que unem as pessoas em forma de família”, afirma.

Os meus, os deles e os nossos

Bruna é mãe do Conrado, 3 anos. Renato é pai da Katarina, 8, e de Gabriel, 10. Hoje, as famílias que eram de duas e de três pessoas, viraram cinco integrantes. Juntos, são uma só família. Eles vivem uma experiência nova, compartilham vivências e formam uma verdadeira família, embora nem todos tenham o mesmo sangue, mas a afinidade e o vínculo afetivo falam mais alto.

Bruna Petry, 23, conheceu Renato Santos Neiva, 32, quando Conrado tinha apenas quatro meses. Desde então, a vida de todos mudou completamente. “Foi um baque na minha vida. Criei o Conrado sozinha, com o apoio da minha mãe, e o Renato apareceu. Ele esteve sempre junto, desde que ele era pequeno. Ele se tornou a referência de homem, pai para o Conrado. Embora eu sempre tenha o instruído a chamá-lo pelo nome, ele criou esse vínculo, assim como com os filhos do Renato, que se chamam de irmãos”, conta Bruna.

Renato, que também teve a missão de criar os filhos sozinho, vive essa nova experiência de braços e, principalmente, coração aberto. “É como se fosse uma família só. E estamos vivendo isso pela primeira vez. Não tem uma referência social, é algo novo, um novo conceito de família e estamos administrando da melhor forma possível”, diz. “A gente entende que família é mais do que ser do mesmo sangue, família é amor”, define Bruna.

Sociedade tem papel importante

Embora a mudança já tenha ocorrido em um dicionário de grande relevância, ela ainda não é completa, explica o linguista Gilvan Müller de Oliveira, do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC. “Os dicionários são feitos por entidades privadas, e não têm significados únicos, somente quando a aceitação é oficial, o que não é o caso. Os dicionários, de um modo geral, são conservadores, demoram para anotar um significado. E vale ressaltar que eles só registram uma mudança quando ela ocorreu primeiro na sociedade”, explica.

De acordo com Oliveira, o avanço destas mudanças está na sociedade. “Se um dicionário já colheu e entendeu essa mudança é porque está mais atualizado que os demais e porque a sociedade fez primeiro”, diz.

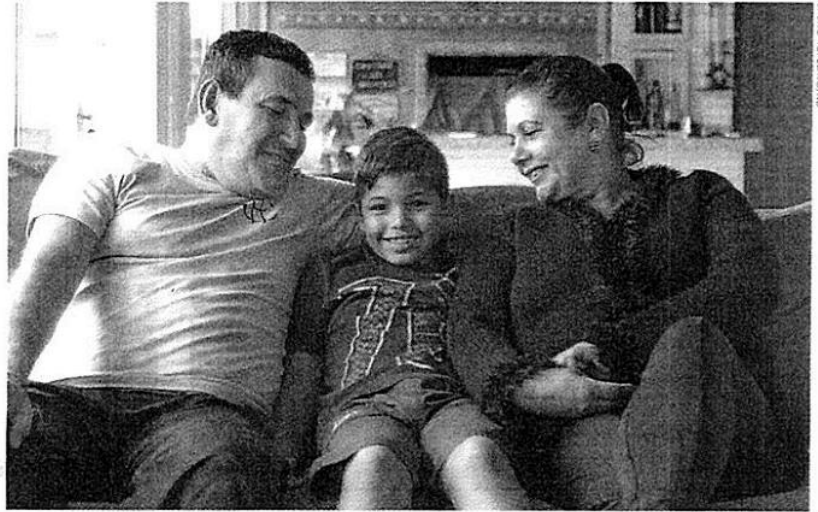
Avós e pais ao mesmo tempo

Eles são responsáveis por dar o tradicional mimo de avós, mas ao mesmo tempo não podem esquecer da bronca de pai e mãe. Mais do que avós, Maria Eliziane Pereira, 53 anos, e Claudio João Vieira, 43, têm a missão de criar o neto Pedro Vieira, 7, e mostrar que uma família de verdade pode ser constituída por avó, avô e neto.

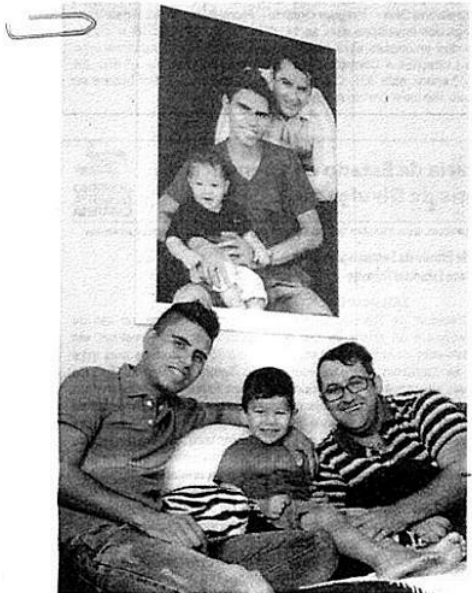
Nada foi planejado. Mas após a filha sair de casa, Maria e Claudio receberam a missão de serem pais novamente. "Conversamos bastante com o Pedro e o acompanhamos de perto. Ensinamos as coisas corretas e procuramos dar a melhor educação a ele. O Pedro não nos chama de pais porque somos seus avós, e assim deve ser, mas faremos o melhor para seu futuro", conta Maria.

Pedro tem outro irmão, criado pela avó paterna. Assim, após uma rotina intensa durante a semana, com atividades extraclasse e estudos, ele conta as horas para ver o irmão. "Somos uma família diferente, mas muito unida. Os meus netos são a alegria da casa", afirmam os avós.

Eles garantem que na escola em que Pedro estuda os professores estão cientes das mudanças estruturais que as famílias vêm passando. Datas comemorativas, como Dia das Mães, ganham um novo significado. "No colégio eles tiveram o Dia da Família", diz Maria.



Avó, neto e avô. Claudio e Maria Eliziane criam o neto Pedro desde que a filha saiu de casa



Medo da sociedade. Rodrigo (à esq.), Francisco e Juliano

Muito amor para vencer o preconceito

Francisco dos Santos, 3 anos, chegou a conviver um período de tempo com a mãe de sangue. Mas como ela não tinha condições financeiras de criá-lo, Juliano Corrêa da Silva, 25, e Rodrigo Gonçalves da Rosa, 33, abraçaram a causa e hoje são os verdadeiros pais de Francisco.

A paternidade não é uma novidade para o casal. Desde pequeno, o afilhado de quatro anos, Enzo, também foi criado por um longo período por eles. Hoje, apesar de não morar na mesma casa, todos os fins de semana a família está reunida com o Enzo, que é considerado o irmão mais velho de Francisco.

Mas o maior problema que Juliano e

Rodrigo enfrentam não é a aceitação das crianças. "Francisco nos aceitou muito rápido. Ele tem uma dependência muito grande em relação à gente. Ele entende e nos chama de pai. Nosso medo é com a sociedade, que não está preparada", afirma Rodrigo.

Para Rodrigo, a família é mais do que a união de pessoas com o mesmo sangue. "Para mim é a constituição de pessoas que se amam, independente do sexo, raça, cor", define.

Apesar da mudança no dicionário, o casal acredita que o preconceito continuará. "Sempre vai existir e nossa preocupação é com a educação do Francisco e as situações que ele possa vir a passar", declara Rodrigo.

Dois pais, duas mães e duas famílias

Quando chegou aos braços da comerciante Nicinha Nau, 58 anos, Andressa Bittencourt, 16, era um bebê recém-nascido com apenas 26 dias de vida, desnutrido e que precisava de cuidados especiais. "A ideia era cuidar dela até os quatro meses para ajudar a família que não tinha condições, mas hoje se me tirarem a Andressa não sei o que faria, seria muito sofrimento", diz a mãe de coração e de criação da adolescente. Com dez filhos para criar, a mãe de sangue de Andressa sempre apoiou o incentivo e a criação da família Nau e hoje continua a ver a filha, criada pelos vizinhos.

Mas foi com Nicinha e o marido José Nau que Andressa criou o vínculo afetivo maior. Apesar de chegar recém-nascida aos braços dos pais de criação, Andressa sempre soube quem eram os pais de sangue e nunca deixou de lado a convivência com os irmãos. "Tenho dois pais e duas mães. Amo as duas famílias, mas se me pedissem para escolher eu escolheria ficar aqui", diz a jovem sobre a família de criação.

"Nunca pedi que me chamasse de mãe, mas pela convivência ela acabou me chamando. E ela, pra mim, sempre foi minha filha. O amor que sinto em relação a ela é o mesmo que sinto pelas minhas filhas de sangue", conta Nicinha, que tem outras duas filhas. José faz mais as vontades de Andressa do que fez por suas filhas de sangue. "Faço tudo por ela. Mais até do que fazia para as minhas filhas quando eram pequenas. Sempre cedo às suas vontades", afirma.



Vínculo afetivo. Andressa chegou aos braços de Nicinha e José Nau com 26 dias de vida

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 15/05/2016

**OPINIÃO: A frustração de reprovar no vestibular deve estimular
nova postura do estudante**

Grupos vão às ruas protestar contra o governo Temer